

## Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose

Por **Elisabete Aparecida da Silva\***, **Fernanda Bernardi\***, **Maria Cristina Novo C. Mendes\***, **Andrea Aparecida M. B. Ferreira\*** e **Hildebrando Montenegro\*\***.

**Resumo:** Esporotricose é uma zoonose causada pelo fungo *Sporothrix sp* e transmitida por inoculação do agente na pele de animais e pessoas. Em 2011, o Centro de Controle de Zoonoses (ccz\*) identificou o primeiro surto da doença na cidade de São Paulo. Até 2018 foram diagnosticados 955 gatos e 13 cães com a zoonose. O clínico veterinário tem importante papel na identificação e notificação de animais doentes aos Serviços de Zoonoses, para detecção precoce de novos casos e áreas com transmissão, na orientação aos cuidadores sobre as medidas de prevenção, tratamento e manejo adequado dos doentes, visando evitar o abandono e diminuir a transmissão.

**Palavras-chave:** esporotricose, zoonose, vigilância, surto, gatos.

### Introdução

Esporotricose é uma micose causada pelo fungo *Sporothrix sp*, presente no solo e em material orgânico de origem animal ou vegetal. Acomete o homem e diferentes espécies animais. É adquirida principalmente pela inoculação do fungo através da pele (LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). O agente patogênico identificado na cidade de São Paulo é *Sporothrix brasiliensis*<sup>5</sup>.

A doença geralmente se manifesta com lesões cutâneas, subcutâneas e acometimento de vasos linfáticos adjacentes. Em raras ocasiões, pode se disseminar para outros órgãos (GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). Em humanos, a forma frequente é a cutânea linfática (BARROS et al., 2010). No gato, manifesta-se com lesões exsudativas de rápida evolução, normalmente em região cefálica, auricular, plano nasal e membros torácicos. Sintomas respiratórios como espirros com epistaxe são frequentes (GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). O papel do gato na transmissão da micose passou a ter importância a partir dos anos 1980, com relatos em literatura de surtos no Rio de Janeiro envolvendo pessoas que sofreram arranhaduras, mordeduras ou contato com

exsudatos de lesões de animais doentes (BARROS et al., 2010; GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; PEREIRA et al., 2014).

### Ações de vigilância na detecção da situação da doença em São Paulo

Até 2010, apesar das tentativas de isolamento do fungo, não foram identificados pelo ccz animais com o agente e há relatos em publicações de casos isolados e esporádicos em São Paulo/SP (LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013).

Em maio de 2011, a partir de rumor sobre presença de gatos doentes, detectou-se transmissão da zoonose, no Distrito Administrativo (DA) de Itaquera, zona leste de São Paulo, sendo diagnosticados 62 gatos e 10 pessoas com a doença, caracterizando o primeiro surto na capital paulista. Todas as pessoas eram contactantes dos animais doentes e foram encaminhadas para atendimento médico no Instituto de Infectologia do Hospital Emílio Ribas (SILVA et al., 2015).

Ações de vigilância estabelecidas pelo ccz, em parceria com Centro de Controle de Doenças, permitiram detecção desse surto e posteriormente em outras regiões da cidade. As ações consistem na busca ativa de novos casos em animais e pessoas, orientação do tratamento e prevenção, divulgação dessa zoonose aos profissionais de saúde das Unidades de Vigilância em Saúde (uvis), clínicos veterinários, entidades de classe e faculdades, entre outros. Essa metodologia vem propiciando a detecção de animais esporotricóticos em outras regiões da cidade e principalmente a detecção precoce em pessoas (SILVA et al., 2015).

O diagnóstico nos animais é realizado por isolamento em meio de cultura de amostra coletada do exsudato das lesões com swab estéril acondicionada em meio de transporte (Stuart). Esse método facilita a coleta e diminui o risco de acidente durante o procedimento (Foto 1). As amostras são processadas no laboratório de diagnóstico do ccz, por inoculação em meio de cultura e identificação do *Sporothrix* (SILVA et al., 2015). A identificação do agente fúngico por citologia é mais rápido, resultando no tratamento mais precoce, mas preconiza-se a confirmação por cultura.

Os proprietários são orientados sobre a doença, como fornecer a medicação misturada na alimentação pastosa, evitando risco de infecção (Fotos 2 e 3), a domiciliação, cuidados com o animal e notificação ao ccz sobre intercorrências como óbito, para incineração do corpo ou sobre o aparecimento de lesões em pessoas (SILVA et al., 2015).

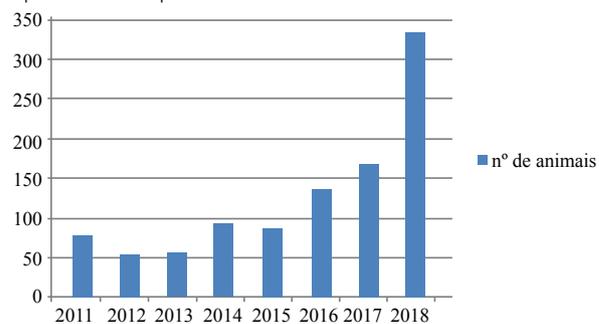
O tratamento adequado exitoso no gato (Fotos 4, 5, 6 e 7) e a abordagem criteriosa com seu responsável têm evitado a desistência aos cuidados, prevenindo o abandono, apesar do prolongado tempo de tratamento, que dura em média 6 meses (SILVA et al., 2015). Tem-se preconizado o Itraconazol (ITZ) na dose de 20 mg/kg/SID

e quando não responsiva ao ITZ, associa-se o Iodeto de Potássio (2,5mg/kg/Sid)

De 2011 a 2018 foram diagnosticados 968 animais com a doença (Gráfico 1). Os gatos são mais vitimados e apenas 13 cães (Fotos 8 e 9) foram confirmados em diferentes DAs.

Em 2018 há significativo aumento (49,5%) de casos animais (Gráfico 1) e maior dispersão para outras áreas da cidade, em relação a 2017. Tem-se observado, por relatos dos responsáveis, que vários animais foram encontrados e adotados por estarem "machucados", em regiões diferentes do local de residência, inclusive de outras cidades, o que pode ser um fator importante na dispersão da doença (Mapa 1).

Gráfico 1. Número de animais diagnosticados com esporotricose por ano, cidade de São Paulo, 2011 a 2018.



Fonte: CCZ e UVIS.

### GATOS E CÃES COM LESÕES DE ESPOROTRICOSE E ALGUNS COM O RESULTADO DO TRATAMENTO.



Foto de Elisabete A da Silva. Gato com lesão inicial;



Fotos de Noemia T. Paranhos. Gato com lesão única em plano nasal, "focinho de palhaço", com espirros exsudativos, antes e após tratamento;



Foto de Elisabete A da Silva. Gato com lesão ulcerada;



Fotos de Elisabete A. da Silva. Gatos com lesões gomosas;



Fotos de Elisabete A. da Silva. Gato com lesões múltiplas em região cefálica e pelo corpo, com perda de tecido em plano nasal, antes e após o tratamento;



Foto de Maria Cristina Novo de C. Mendes. Coleta de exsudato da lesão por swab estéril;



Fotos de Elisabete A da Silva. Cão esporotricótico com perda de tecido em plano nasal, antes e após o tratamento.



Foto de Fernanda Bernardi. Administração da medicação misturada à alimentação pastosa;





Na cidade de São Paulo, a notificação deve ser encaminhada para o e-mail: [zoonoses@prefeitura.sp.gov.br](mailto:zoonoses@prefeitura.sp.gov.br), com dados do animal, do proprietário e do médico veterinário.

O CCZ disponibiliza o diagnóstico laboratorial, segue orientação do encaminhamento de amostra a ser entregue com o formulário, Anexo I.

Anexo I. Ficha para encaminhamento de material para diagnóstico laboratorial de esporotricose ao Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do CCZ/SP.

#### Ficha de encaminhamento de amostra para diagnóstico de esporotricose ao laboratório de diagnóstico do CCZ de São Paulo

<b>Dados do proprietário:</b>			<b>nº amostra:</b>
<b>Nome:</b>			
<b>Endereço:</b>			
<b>Tel:</b>	<b>bairro:</b>	<b>cidade:</b>	
<b>Dados do animal:</b>			<b>espécie:</b>
<b>Nome:</b>	<b>idade:</b>	<b>raça:</b>	<b>sexo:</b>
<b>Pelagem:</b>	<b>local de lesão:</b>		
<b>Nome da clínica veterinária:</b>			
<b>Endereço:</b>			<b>tel:</b>
<b>Bairro:</b>		<b>cidade:</b>	
<b>Médico-veterinário que fez a coleta:</b>			
<b>Email:</b>	<b>tel:</b>	<b>Material coletado:</b>	<b>data coleta:</b> ___/___/___
<b>Suspeita de lesão em pessoas:</b> <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim			
<b>Nome:</b>			<b>tel:</b> _____

**Fluxo de encaminhamento:** A amostra para diagnóstico deve ser coletada em swab estéril e mantida em frasco com meio de transporte (Meio Stuart); anotar no frasco de coleta o nome do animal, data da coleta e o número da amostra no frasco e na Ficha de Encaminhamento. Caso a amostra não seja enviada no mesmo dia, manter sob refrigeração (4 a 8°C). Enviar o frasco do material coletado com a Ficha de Encaminhamento para o Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do CCZ de São Paulo, Rua Santa Eulália, 86 – Santana – de segunda a sexta, das 8:00 às 17:00 hs. Telefone: (11) 3397-8900

\* O Centro de Controle de Zoonoses da Coordenação de Vigilância em Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, passou a ser denominado Divisão de Controle de Zoonoses, em setembro de 2017.

## Referências

- BARROS M. B. L. *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [S. l.], v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.
- GALHARDO M. C. G. *et al.* Epidemiological aspects of Sporotrichosis epidemic in Brazil: topical collection on fungal infections of skin and subcutaneous tissue. **Current Fungal Infection Reports**, [S. l.], v. 9, n. 4, 2015.
- GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects. **Medical Mycology**, Oxford, v. 53, n. 1, p. 15-21, 2015.
- LARSSON, C. E. *et al.* Feline sporotrichosis: clinical and zoonotic aspects. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, São Paulo, v. 31, p. 351-358, 1989.
- LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.
- MONTENEGRO H. *et al.* Feline sporotrichosis due to Sporothrix brasiliensis: an emerging animal infection in Sao Paulo, Brazil. **BMC Veterinary Research**, [S. l.], v. 10, p. 269, 2014.
- PEREIRA, A. S. *et al.* The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil, 2013. **Revista Sociedade Brasileira Medicina Tropical**, Uberaba, v. 47, n. 3, p. 392-393, 2014. ROSSI, C.N.; ODAGUIRI, J.; LARSSON, C. E. Clinical and epidemiological characterization of sporotrichosis in dogs and cats (São Paulo, Brazil). **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 34, n. 6, p. 3889-3896, 2013.
- SILVA E. S. *et al.* Surto de esporotricose em gatos – investigação e ações de controle, município de São Paulo/SP. **Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v. 12, n. 133, p. 1-16, 2015. ■

### Sobre os autores

<sup>1</sup> Elisabete Aparecida da Silva  
e-mail: [elisabeteas@prefeitura.sp.gov.br](mailto:elisabeteas@prefeitura.sp.gov.br)  
\*Médicos-veterinários do Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo, covisa, SMS.



\*\* Biólogo do Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo, covisa, SMS.

Contato: e-mail: [zoonoses@prefeitura.sp.gov.br](mailto:zoonoses@prefeitura.sp.gov.br),  
telefone: \*33978918 e \*\*33978951